



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V- MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIA BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS- CCBSA
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

AMANDA RAFAELA DE BRITO SANTOS

**O TRAJETO DO FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL: ESTRUTURA,
OBSTÁCULOS E DESENVOLVIMENTO**

JOÃO PESSOA

2022

AMANDA RAFAELA DE BRITO SANTOS

**O TRAJETO DO FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL: ESTRUTURA,
OBSTÁCULOS E DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Esporte e Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237t Santos, Amanda Rafaela de Brito.

O trajeto do futebol feminino na América do Sul [manuscrito] : estrutura, obstáculos e desenvolvimento / Amanda Rafaela de Brito Santos. - 2022.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Relações Internacionais. 2. Futebol feminino. 3. América do Sul. 4. Esporte. I. Título

21. ed. CDD 327

AMANDA RAFAELA DE BRITO SANTOS

**O TRAJETO DO FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL: estrutura,
obstáculos e desenvolvimento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Mônica de Lourdes Neves Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA	Associação de Futebol da Argentina
ANJUFF	Associação Nacional das Jogadoras de Futebol Feminino
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONMEBOL	Confederação Sul Americana de Futebol
CONFFUF	Corporação de Fomento ao Futebol Feminino
FCF	Federação da Colômbia de Futebol
FFC	Federação de Futebol Chilena
FIFA	Federação Internacional do Futebol
FPF	Federação Peruana de Futebol
LAOCC	Comitê Organizador Olímpico de Los Angeles
QSI	<i>Qatar Sports Investments</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
2. ESPORTE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	9
2.1 Origem do esporte	16
2.2 Esporte moderno	18
3. FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30

O TRAJETO DO FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL: ESTRUTURA, OBSTÁCULOS E DESENVOLVIMENTO

Amanda Rafaela de Brito Santos*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como o futebol feminino está sendo promovido na América do Sul e discutir a fim de compreender as relações internacionais a partir da instrumentalização política do esporte, como recorreu na discussão do tema a partir do uso político como na Olimpíadas de Berlim, na Guerra Fria e na Copa do Mundo no Catar. Trata-se de um estudo realizado através de revisão bibliográfica tendo como foco dissertar como o futebol feminino vem sendo consumido e incentivado na América do Sul através do tempo. Abordando os obstáculos para o desenvolvimento da modalidade. Conclui-se que a proibição e o preconceito ainda presente prejudicaram o desenvolvimento do futebol feminino no continente e que a falta de apoio às atletas também parece ser um limitante para o crescimento da modalidade.

Palavras chaves: América do Sul. Esporte. Futebol feminino. Relações internacionais.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how women's soccer is being promoted in South America and discuss in order to understand international relations from the political instrumentalization of the sport, as used in the discussion of the theme from the political use as in the Berlin Olympics, the Cold War and the World Cup in Qatar. This is a study carried out through a literature review focusing on how women's soccer has been consumed and encouraged in South America over time. Addressing the obstacles for the development of the sport. It is concluded that the prohibition and the prejudice still present have hindered the development of women's soccer in the continent, and that the lack of support for the athletes also seems to be a limiting factor for the growth of the sport.

Keywords: South America. Sport. Women's soccer. International relations.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho pretende observar quais são os incentivos, obstáculos e as organizações que regulamentam, apoiam e organizam o futebol feminino em alguns países da América do Sul. Dessa forma, busca-se compreender qual o panorama do futebol feminino no continente, em termos de prática, disseminação e estruturação, para verificar se as mulheres sul-americanas encontram um ambiente propício para fazer-se parte do esporte mais popular do mundo.

A América do Sul é uma das regiões onde a conexão entre política, identidade nacional e futebol pode ser fortemente sentida, pois, desde que o esporte foi introduzido pelos britânicos no século XX, tem sido um meio de escapar das dificuldades do cotidiano, e também um meio para a demonstração do sentimento patriótico ou competitivo. Dada a sua enorme capacidade de promoção de consumo, o futebol pode ser visto atualmente como um dos fenômenos socioculturais mais significativos do século XXI. Tem impacto em uma variedade de esferas sociais, desde a cultural até a econômica (JANUÁRIO; VELOSO, 2019).

Nesse contexto, a prática do futebol feminino começou no início do século XX e, desde então, encara preconceitos, falta de apoio, investimento e, principalmente, a falta de reconhecimento. Possivelmente atribuída à proibição que dificultou o desenvolvimento e crescimento do esporte até os dias atuais. Apesar das questões socioculturais que impedem o desenvolvimento do futebol, o número de jogadoras continua a aumentar e merece atenção científica (GARRETT JR. & KIRKENDALL, 2003).

Historicamente, os incentivos e as dificuldades enfrentados por homens e mulheres no futebol foram e são bastante diferentes (ANJOS *et al.*, 2019). A história das mulheres no futebol é de controle sobre seus corpos, retirada de sua potência e secundarização. Em 1941, foi aprovado o decreto-lei nº. 3.199, no Brasil, proibindo que as mulheres jogassem futebol em escolas, clubes e áreas públicas. E que seguiu vigente até o ano de 1979, quando finalmente as mulheres foram autorizadas a praticar o esporte. No entanto, no mesmo ano da proibição, é o período em que começa a transmissão radiofônica das partidas e, por conseguinte, o consumo midiático dos clubes de futebol enquanto produtos (FIGUEIREDO, 2019). Quando afirmam que não há audiência no futebol feminino e que, portanto, não há investimento, a razão é simplesmente que público não foi formado.

O futebol feminino é utilizado como um das ferramentas de empoderamento, lugar de realização individual e coletiva e afirmação da autonomia física (ADELMAN, 2004). Relacionando-se com assuntos como emancipação, autonomia, libertação e conquista de liberdade. Foi preciso esperar 61 anos para que as mulheres tivessem a oportunidade de disputar um Mundial de futebol. A primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino aconteceu apenas em 1991, com 12 países, no qual da América do Sul, apenas o Brasil participou.

Ainda que tenham obstáculos, as equipes femininas estão alcançando maior popularidade e reivindicando maior acesso a equipamentos e a assistência financeira. A maioria das atletas não são profissionalizadas ou jogam por um valor simbólico, o que costuma fazer com que tenham outros empregos, sendo impossibilitadas de se dedicar apenas ao esporte (PINHEIROS, 2020). Promover incentivos ao crescimento do futebol emancipa mulheres, resultando em um espaço mais favorável para dar início à prática do esporte com maior facilidade e recursos. Explorar o potencial emancipatório da participação das mulheres no futebol, visto que, ao utilizarmos a modalidade como ferramenta, partilhamos da ideia de que o esporte pode ser um terreno de empoderamento das mulheres, um espaço de realização individual e coletiva e uma afirmação da autodeterminação física (ADELMAN, 2004). O desenvolvimento do campo torna os torneios mais contínuos, com uma competitividade maior e de alto nível. As mulheres estão cada vez mais se afirmando como sujeitos sociais, aumentando suas potencialidades para o desenvolvimento enquanto grupo social (CADAVID; CASTRO, 2001).

No que se refere à organização que representa e regulamenta o futebol na América do Sul, a Confederação Sul Americana de Futebol (CONMEBOL) é reconhecida pela Federação Internacional do Futebol (FIFA) como a Confederação que dirige o futebol no continente (FIFA, 2022). Ela possui uma comissão específica para tratar dos assuntos referentes às mulheres no futebol, que tem por objetivo criar, aprovar, organizar e dirigir partidas, competições e torneios internacionais na América do Sul (CONMEBOL, 2020).

Dessa forma, a escolha do tema dá-se ao fato da paixão que a autora expressa em acompanhar e jogar futebol, e conseqüentemente uma oportunidade para realizar uma pesquisa sobre o assunto e trazer essa percepção para a América do Sul. No que diz respeito à relevância acadêmica, vale apontar que ainda carece de visibilidade para estudos mais aprofundados sobre o futebol, que é um dos

esportes mais populares no mundo, e que influencia o cenário internacional, sendo ignorado seus impactos financeiros, sociais e emancipatórios. O esporte oferece um espaço para muitas regiões do mundo jogarem ou manipularem suas relações internacionais. Graças ao seu prestígio econômico enquanto setor de atividade e sua importância nas diversas sociedades globais, em termos de empregos, atores econômicos e empresas especializadas, é um indicador da potência econômica e financeira de um estado.

Nessa conjuntura, o esporte demonstra a capacidade de uma sociedade e de seus atores no investimento financeiro, institucional e social, gerando possíveis benefícios. Ele sinaliza qual o grau de maturidade econômica e política de uma nação, mas igualmente seu nível de progresso e de organização, por ser capaz de mobilizar recursos que vão além dos interesses inerentes ao esporte (CASTILHO & MARCHI JR., 2020). O futebol é um fenômeno social que vai além do esporte em si; ele permeia a sociedade e a afeta de diversas formas. É um movimento capaz de perturbar o sistema político e deflagrar movimentos de libertação através de seus clubes e seleções (FOER, 2005).

Portanto, para começar a pesquisa, foi necessário compreender como ocorreu o apagamento das mulheres no futebol ao longo da história, tanto por jornalistas, dirigentes, sociedade e até pelos acadêmicos. Posto isso, o objetivo geral deste trabalho é buscar analisar e discutir como o futebol feminino está sendo promovido na América do Sul. À vista disso, os objetivos específicos desta pesquisa constituem: (i) Mostrar como o esporte atua se relaciona com as Relações Internacionais; (ii) Apresentar a origem do esporte e a história do esporte moderno, com a finalidade de entender como se dá o panorama do esporte, principalmente do futebol feminino, na América do Sul; (iii) Investigar como se deu o entendimento, aceitação social e a evolução no consumo do esporte na América do Sul. Observando quais são as organizações que regulamentam o futebol no continente.

Quanto à metodologia, o trabalho consiste em uma pesquisa exploratória com amostra de alguns países da América do Sul, com o caráter qualitativo procurando identificar a evolução e aceitação no futebol feminino e os métodos adotados consistem em método histórico e revisão bibliográfica, que permitem a explicação do problema abordado com os eventos esportivos e momentos históricos. Serão analisadas fontes como teses, livros, artigos, sites oficiais e notícias esportivas que discorrem sobre o futebol feminino, ou que tratem de contextualizar historicamente a

evolução e a aceitação de tal e por fim como o futebol é utilizado nas relações internacionais.

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiro é explicado como o esporte interage com as relações internacionais, logo após será abordado como se deu a utilização política do esporte na Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e na atualidade. Em seguida, aborda como se deu a origem do esporte e do esporte moderno. Por último, será discutido como está o futebol feminino na América do Sul.

2. ESPORTE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Tradicionalmente, o esporte não é considerado uma variável muito relevante nas relações internacionais. Apesar da importância no âmbito político, o assunto permanece pouco reconhecido nas discussões acadêmicas do campo. Acontece que as Relações Internacionais têm se preocupado principalmente com as questões de políticas de poder baseadas na economia, no poder militar e na diplomacia, a vista disso tendendo a excluir as características estruturais do sistema internacional que não podem ser nitidamente subsumidas em política (LEVERMORE; BUDD, 2004).

De acordo com Castilho e Marchi Jr. (2020), o esporte pode revelar as relações internacionais, pois nele encontramos as oposições, as composições, suas estruturas e seus atores principais e, assim, os países se mostram para o mundo, através das suas convergências e/ou divergências. A história está cheia de utilizações, de recuperação e de difusão do esporte com fins geopolíticos, como nas Olimpíadas de Berlim, Guerra Fria, a Copa do Mundo e entre outros, como será abordado adiante na presente pesquisa. Conseqüentemente, o esporte possui uma ligação direta com o povo, com suas histórias e, visivelmente, com as relações entre os Estados-nações.

O caso dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, é um dos exemplos do uso político do esporte, que ocorreu na época da Alemanha nazista. Naquele período, a Alemanha era governada pelo nazismo tendo como líder supremo e totalitário Adolf Hitler. Através do Dr. Theodor Lewald em 1931, secretário geral do Comitê Olímpico Alemão, anunciou a intenção da Alemanha de sediar os jogos de 1936 em Berlim, como prova mostrou os projetos já em andamento para a construção de instalações esportivas e observou que a Alemanha já havia sido escolhida para sediar os jogos de 1916, que acabaram sendo deixados de lado devido à Primeira Guerra Mundial.

Desse modo, Berlim foi o escolhido para sediar as Olimpíadas, por meio de uma votação com o resultado de 43 a 17, e tinha o intuito de restaurar a honra do povo alemão, prejudicada pelas exigências do Tratado de Versalhes. Porém, os jogos acabaram servindo de vitrine como forma de propaganda do governo nazista. À vista disso, Hitler viu as Olimpíadas como uma oportunidade de propagar a imagem nazista, eliminando judeus das competições esportivas e utilizando o esporte para mostrar e fortalecer a superioridade da raça ariana, e ao mesmo tempo preparava jovens para a guerra (CODY, 2016; SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Com a excessiva participação do Exército do Alemão, pois foi ordenado que o Exército ajudasse os atletas e na vila olímpica para a preparação dos jogos, fez com que alguns países questionassem a intenção do uso político do esporte por parte dos nazistas, e ao mesmo tempo eles se sentiram inseguros de levar os seus atletas judeus e negros para as Olimpíadas em Berlim. A partir daí, os Estados Unidos organizaram um boicote que ganhou força no cenário internacional, porém a realização dos jogos foi revertida depois que o governo alemão assinou medidas e compromissos com o Comitê Olímpico Internacional (COI), a qual foram medidas para mascarar a perseguição aos judeus no país. No entanto, os países só confirmaram a presença de suas delegações em Berlim após as Olimpíadas de Inverno, que ocorreu na Alemanha, pois não houve manifestações antissemitas de qualquer tipo e prevaleceu uma receptividade falsa por determinação do Estado (CODY, 2016; SIGOLI & ROSE JR., 2004).

As pessoas eram instruídas a dar as boas-vindas aos participantes. Os hotéis e restaurantes estavam determinados a atender bem a todos, enfatizando os preceitos do racismo. Coletava jornais e boletins oficiais sobre a perseguição aos judeus. Cartazes antissemitas foram removidos de espaços públicos, a cidade estava decorada com bandeiras e pinturas com os anéis olímpicos e suásticas. Os hinos nazistas e olímpicos eram cantados 24 horas por dia em alto-falantes que foram instalados na cidade. Durante o jogo, toda a nação celebrou a ordem e a glória do governo nazista (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Contudo, as Olimpíadas de 1936 foram uma competição atlética em todos os níveis, onde os anfitriões tiveram um grande impulso de propagar a ideologia racial de Hitler (CODY, 2016). Segundo Sigoli e Rose Jr. (2004), Hitler conseguiu demonstrar o poder totalitário do movimento nazista e impressionar a todos com a organização social; todavia, não conseguiu provar a suposta superioridade racial dos

arianos, pois foram derrotados por atletas negros, asiáticos e judeus. O uso do esporte se deu de forma ideológica, o qual tinha como objetivo espalhar a ideologia ariana.

No que diz respeito à Guerra Fria (1945-1985), a utilização do esporte se deu no conflito entre as duas potências mundiais, que começou após o fim da Segunda Guerra Mundial. Este conflito foi travado pelos Estados Unidos e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em uma disputa ideológica e armada. Junto às pressões bilaterais, o qual abrigava disputas acirradas também nos principais palcos do esporte, como as Olimpíadas (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Um dos campos de batalha mais visíveis da Guerra Fria e seus conflitos derivados de poder e influência global foram as Olimpíadas. Sem surpresa, a entrada da URSS no movimento esportivo transformou o Comitê Olímpico Internacional em um palco visível, onde a competição das superpotências se desenvolveu (VASCONCELLOS, 2008). Para D'Agati (2013), esse embate entre os dois países representava uma ameaça persistente ao Movimento Olímpico, uma vez que ambos os países usavam as Olimpíadas como palco para seus respectivos conflitos, como um novo espaço de batalha para seus respectivos sistemas tanto político quanto econômico. Apesar disso, as Olimpíadas são uma grande oportunidade para atletas, cidades e nações alcançarem grandes feitos junto com o público mundial. A rivalidade ideológica estava longe de ser um inconveniente para o Comitê Olímpico Internacional, mas para destacar todo o movimento olímpico, ficou mais profundo, simbólico e inerentemente mais competitivo.

Nesse contexto, o esporte é utilizado como ferramenta ideológica e de propaganda nas competições internacionais e nos Jogos Olímpicos. É uma arma simbólica de blocos opostos, transformando piscinas, academias e estádios em campos de batalha. As vitórias desportivas são usadas para reafirmar o prestígio político e a soberania de cada regime. As pressões da Guerra Fria aparecem em disputa esportiva fortemente contestada entre os atletas. O que resultou nos boicotes dos jogos de 1980 e 1984, que ocorreram em Moscou e Los Angeles (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Para Vasconcellos (2008), na Guerra Fria, o esporte transformou-se em arma e arena de propaganda ideológica. As medalhas olímpicas serviam de estoque publicitário no marketing ideológico internacional. Os campos esportivos e ginásios

foram transformados em campos de batalha, e as Olimpíadas serviram de palco para o conflito (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Os Estados Unidos lideraram o maior boicote da história olímpica durante as Olimpíadas de Moscou de 1980, recusando-se a enviar sua delegação em protesto contra a invasão soviética do Afeganistão. O então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter (1977-1981) conseguiu o apoio de 64 países, os quais também não participaram da competição (VASCONCELLOS, 2008). Em resposta, a URSS liderou o boicote aos Jogos Olímpicos em Los Angeles, carregando dezessete nações para não participarem das competições. Alegando que a motivação para o boicote foi uma resposta a falhas específicas por parte do Comitê Organizador Olímpico de Los Angeles (LAOCC, sigla em inglês) e dos Estados Unidos, que levaram à organização de uma forma ineficaz e imprópria dos Jogos Olímpicos (D'AGATI, 2013).

Os dois países têm uma longa história de uso da influência do governo em eventos esportivos para fins diplomáticos. Ambos os países usaram o esporte para a rivalidade ideológica a fim de atrair nações para suas linhas de frente e fortalecer os laços com seus aliados. O uso dos Jogos Olímpicos como ferramenta para a política internacional terminou assim com as rivalidades esportivas e políticas recíprocas entre americanos e soviéticos (VASCONCELLOS, 2008).

Tratando da atualidade, temos a Copa do Mundo no Catar como exemplo da utilização do esporte como forma de promoção do país. Localizado na costa leste da Península Arábica, o Catar é um país soberano do Oriente Médio, governado pela família Al Tahani. O envolvimento com o esporte está ligado à sua intenção em ampliar sua economia, a qual advém da produção de petróleo e gás natural. O Catar decidiu começar a investir nos esportes em 2004, e procurou ligar a sua imagem com times de prestígio internacional como o Barcelona e o *Paris Saint-Germain* (PSG). As relações com esses clubes se deu através da agência *Qatar Sports Investments* (QSI), uma organização acionária de investimentos no esporte da *Qatar Investment Authority*, a qual comprou o clube PSG, que tem como presidente do clube Nasser Ghanim Al-Khelaïfi, que tinha como finalidade levar o PSG para a elite do futebol europeu, então realizou diversas contratações para a equipe, como a de Neymar por €222 milhões. A atuação do país do vai além do contrato com o brasileiro. É sobre a atuação do Catar no futebol internacional e sua proposta de reconhecimento e prestígio através do clube francês (DRUMOND, 2018).

O processo de escolha da sede para as Copas do Mundo vem mudando nos últimos anos, mas regularmente começa com a convocação de candidatos, depois ocorre uma análise desses candidatos e em seguida a votação. Contudo, a partir de uma investigação do jornal inglês *The Sunday Times*, em 2014, foi apontado que o país pagou mais de US\$5 milhões em propinas para garantir apoio em sua candidatura, e foi ganhando força porque o Catar foi considerado uma área de calor intenso, através dos relatórios da FIFA, por conta da temperaturas acima de 50 graus Celsius (BENNETT & VIETOR, 2022).

A FIFA concedeu a Copa no Catar em 2010, sem o devido cuidado com as violações dos direitos humanos e das minorias, com relação a discriminação que mulheres, pessoas LGBTQIA+¹ e outros sofrem. Também não procurou estabelecer proteções para os trabalhadores estrangeiros que seriam necessários para construir a infraestrutura para a Copa do Mundo. E recentemente, o país foi acusado pela Anistia Internacional e *Human Rights Watch* de maus tratos aos trabalhadores que construíram a infraestrutura (BENNETT & VIETOR, 2022; BBC NEWS, 2022).

Contudo, o presidente da FIFA, Sepp Blatter, apoiou a candidatura do Catar, e ultimamente vem dizendo que a FIFA pode ter tomado a decisão errada escolhendo o país como sede. As críticas aos direitos LGBTQIA+ e dos trabalhadores pelo Catar levaram muitas pessoas a questionar a decisão da FIFA. O processo foi marcado por acusações de corrupção, com investigações realizadas por promotores na Suíça e pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos em 2015 (BBC NEWS, 2022).

Algumas seleções decidiram manifestar tais discriminações nas partidas de futebol, na braçadeira de capitão escrito "*One Love*", porém foram barrados pela FIFA, que deu como punição cartão amarelo para quem usa-se. E proibiu que a seleção da Bélgica utilize na sua camisa a palavra "*love*" (amor, em inglês), que teve sua camisa lançada em setembro, a qual representa valores, como diversidade, igualdade e inclusão. Com isso, a Bélgica terá que retirar a palavra de seu uniforme.

Segundo Drumond (2008), à medida que o esporte ganhou popularidade, também expandiu sua influência global e, como resultado, o Estado passou a usá-lo como ferramenta política, transformando-o em uma demonstração de poder. Ao

¹ Atualmente não há um consenso a nível internacional acerca da sigla adequada para descrever indivíduos com identidades de gênero e/ou orientações sexuais caracterizadas como dissidentes. Para os devidos fins deste trabalho, optou-se pela sigla LGBTQIA+, ou seja: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e transgêneros, queer, intersexo e assexual. Ademais, o uso do símbolo "+" diz respeito à multiplicidade de identidades de gênero e orientações sexuais presentes ao redor do globo, mas que não se encaixam devidamente nas letras que formam a sigla.

passo que a política mundial continua a mudar e sua complexidade aumenta, vale notar que as ferramentas utilizadas pelos países são mais diversas, de diferentes naturezas e domínios, que interagem e fornecem a base para a ação de países desenvolvidos e em desenvolvimento (SUPPO, 2012).

Na política contemporânea, destaca-se o uso do esporte como veículo do nacionalismo e instrumento de política externa, bem como meio de propaganda institucional. De acordo com o apresentado, o que torna o esporte um meio poderoso para a expressão de sentimentos nacionalistas é a facilidade com que eles encorajam essa identificação com a nação em ambientes individuais e coletivos, privados e públicos (VASCONCELLOS, 2011).

De acordo com Milza (1984 *apud* CASTILHO & MARCHI JR., 2020), o esporte é mais que um jogo, vai além de vitória ou derrota. Está inserido no meio social.

O fenômeno de massa, presente em todo o planeta e atravessado por todas as ideologias deste século, é sinal de soberania e declínio nacional, ora revelando, ora manipulando o sentimento público, uma alternativa à guerra e à diplomacia, o esporte é o centro da vida internacional (MILZA, 1984, p. 152 *apud* CASTILHO & MARCHI JR., 2020, p. 242).

Nesse contexto, o esporte é um dos fenômenos socioculturais mais significativos. Essa afirmação é facilmente verificada quando se observa o crescente número de participantes e o crescente espaço que o esporte ocupa na mídia internacional (TUBINO, 1999).

Segundo Castilho e Junior (2020), o esporte tem uma ligação direta com o povo, com suas histórias e, sem dúvida, com as relações entre os Estados-nações. Essa situação é tão real que frequentemente se manifesta em disputas esportivas entre oponentes diretos como simulacro militar ou substituto à guerra, servindo como meio de ampliar a diplomacia e as rivalidades entre os participantes por meios não violentos.

Sendo assim, o esporte demonstra a capacidade de uma sociedade e de seus atores no investimento financeiro, institucional e social. Ele sinaliza qual o grau de maturidade econômica e política da nação, mas igualmente seu nível de progresso e de organização, por ser capaz de mobilizar recursos que vão além dos interesses inerentes ao esporte. Neste aspecto, o esporte é um revelador estratégico do desenvolvimento social e político dos seus protagonistas e também da potência econômica e financeira dos estados. Graças ao seu prestígio econômico enquanto setor de atividade e sua importância nas diversas sociedades globais, em termos de

empregos, atores econômicos e empresas especializadas, o esporte é um indicador da potência econômica e financeira de um estado (CASTILHO e JUNIOR, 2020).

Hobsbawm e Ranger (1997), afirmam que o futebol é a demonstração concreta dos laços de união das pessoas, independente das diferenças locais e regionais. Dessa forma, os governos encontram nas seleções nacionais força para garantir coesão social nacional e sua legitimidade diante de todos os habitantes. Portanto, o futebol pode ser entendido como a representação cultural de um Estado e, frequentemente, de seu governo.

Para Boniface (2002), muitas dinâmicas do mundo do futebol podem estar relacionadas ao contexto geopolítico global, à política interna e externa dos países e aos ganhos e perdas de prestígio internacional. Hoje em dia, o futebol é um componente válido das relações internacionais que já não pode ser limitado às relações puramente diplomáticas entre Estados. Para Arnaud e Riordan (2003), o futebol não é, ou já não é, um esporte coletivo, no sentido de ser jogado no contexto da vida privada de cada pessoa. É também uma questão social, política, cultural, econômica e diplomática.

Portanto, a principal característica do futebol é que ele é capaz de se desenvolver plena e uniformemente no cenário nacional na maior parte dos Estados, garantindo assim a identificação da população com o esporte. Sendo capaz de construir modelos de identidade de uma nação. Os jogadores são vistos como representantes de um Estado, bem como anseios e desejos nacionais, dos medos e incertezas em relação a outros países (VASCONCELLOS, 2008). Contudo, o futebol é um esporte que está cada vez mais presente nas agendas de políticas externas, através de incentivos para sediar e disputar grandes torneios como a Copa do Mundo, bem como por meio de iniciativas governamentais nacionais e internacionais para promoção do esporte e assim ganhar reconhecimento em escala global (CAON, 2021).

Dessa forma, há uma necessidade de preservar valores humanos com os quais as pessoas possam se identificar e admirar, a fim de conservar um dos aspectos mais distintivos do esporte nos tempos atuais: o fascínio que ele exerce tanto para espectadores quanto para participantes. Enfim, sem ele, o fenômeno perde seu valor e as relações políticas e econômicas que ele envolve perdem sua força (BENTO, 2013).

2.1 Origem do esporte

Na Grécia antiga, o esporte e a ginástica faziam parte dos ideais de formação dos gregos. Além do valor moral e pedagógico, o esporte era utilizado nas escolas como preparação militar para os jovens e os jogos tinham um caráter predominantemente religioso, em que os deuses olímpicos eram destacados e respeitados. Os Jogos Gregos são um marco na história do esporte porque representam a concepção inicial do esporte (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

A principal manifestação do esporte na antiguidade foi, sem dúvida, os Jogos Olímpicos, os quais eram realizados em Olímpia, na Élide, a cada quatro anos. Os Jogos obedeciam a uma regulamentação rígida feita pelos *helenoices*, personagens altamente respeitados e responsáveis por todos os aspectos organizacionais, incluindo o treinamento de indivíduos que participaram como juízes ou atletas (SIGOLI & ROSE JR., 2004; TUBINO, 1999).

Os Jogos Olímpicos tem origem em um ato político e em 884a.C, foi assinado um tratado de paz, chamado *Ékécheiria*, entre os reis das cidades-estados de Pisa, Esparta e Elis. Esse tratado propôs a realização dos jogos em Olímpia para celebrar a paz entre as cidades gregas. Durante os doze séculos nos quais os Jogos Olímpicos foram disputados, reinou na Grécia a trégua nos períodos em que os jogos eram realizados. A cada quatro anos, período dos jogos, os conflitos e guerras cessavam para que os gregos pudessem disputar os jogos de forma harmoniosa. Os vencedores recebiam uma coroa de ramos de oliveira e vários prêmios, como isenção de impostos, escravos, pensões e muito mais. Este evento foi responsável por uma grande difusão cultural e religiosa em todos os povos que habitavam a Grécia antiga (SIGOLI & ROSE JR., 2004; TUBINO, 1999).

A primeira Olimpíada ocorreu em 776 a.C e a última em 303 d.C., momento através dos decretos de Teodósio I, os Jogos Olímpicos foram supridos, pois eram considerados pagãos. Logo depois, Teodósio II decretou a destruição de Olímpia e das instalações esportivas. Por muitos séculos, os Jogos Olímpicos ficaram suspensos. Somente no século XIX, sob o impulso de Pierre de Coubertin (1863-1937), ocorreram os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896, como será abordado adiante na presente pesquisa (CHIÉS, 2006; VASCONCELLOS, 2008).

Ao contrário dos Jogos Gregos, repletos de honra e disputas honestas, os jogos Romanos eram caracterizados por espetáculos bizarros e sangrentos,

contendo lutas armadas que se prolongavam até a morte dos gladiadores, lutas contra animais selvagens, como tigres, leões e panteras, e execuções de criminosos. A cultura romana organiza competições religiosas nos grandes circos e anfiteatros em dias santos e feriados e os jogos eram oferecidos ao povo pelos governantes para aliviar as tensões sociais. Porém, foi durante o Império Romano que esses jogos atingiram seu auge, tornando-se espetáculos que reuniram milhares de pessoas (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

A participação das mulheres nos Jogos Olímpicos da antiguidade era proibida, não podiam ao menos assistir aos jogos, por questões sociais e físicas. A mulher era considerada uma usurpadora ou profanadora de um espaço dedicado aos homens. A proibição da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, era associada, a uma questão básica para a época, que era a cidadania (RUBIO e SIMÕES, 1999). Segundo Lacerda (1988), os gregos associavam a participação à cidadania, que estava vinculada ao exercício da função guerreira, o qual não permitia às mulheres, cujo único papel era ser mãe. Impossibilitada de praticar a cidadania, a mulher era proibida de competir nos Jogos não por questões físicas, mas sim pelo caráter público, direito que é concedido aos homens, o qual possuem a condição de cidadão (RUBIO e SIMÕES, 1999).

Vale ressaltar que os Jogos Olímpicos, apesar de seu caráter religioso, eram restritos apenas aos homens. Desde então, vimos que o que mantém as mulheres fora do esporte não é um complexo de inferioridade biológica, mas sim a política. As mulheres são excluídas dos direitos civis, da glória da convivência social e da vitória sobre os concorrentes (RUBIO e SIMÕES, 1999).

Entretanto, em Olímpia, foram promovidas competições somente para as mulheres, que foram denominadas de “Jogos Heranos”, nome em homenagem à deusa Hera. Esses jogos consistiam em corridas a pé, e eram diferenciadas pela idade das mulheres. Quem corria primeiro eram as mais velhas e assim por diante, e elas corriam de cabelos soltos, com uma túnica colocada um pouco acima de suas cinturas e com o ombro direito nu até a altura do peito. O estádio Olímpico, onde eram realizados os jogos, disputavam uma corrida de 162 metros, e as vencedoras ganhavam coroas de oliveiras e uma parte da carne da vaca sacrificada a Hera (CHIÉS, 2006).

Ao longo dos séculos, o esporte foi assistindo transformações e uma maior participação das mulheres. Nesse contexto, já no final do século XVIII, um dos

esportes mais populares da época, o boliche, ainda que uma prática masculina, contou com grande participação feminina. A partir daí, na Inglaterra o mesmo vinha acontecendo com outras modalidades como o críquete, bilhar, arco e flecha, outras formas rudimentares do que viria a ser o futebol (RUBIO e SIMÕES, 1999).

2.2 Esporte moderno

O esporte moderno surgiu na Inglaterra por volta do século XIX, por obra de Thomas Arnold, o qual incorporou as atividades físicas no processo educativo do Colégio de Rúgbi, no qual fazia parte da direção. Logo ultrapassaram os muros e foram propagados para o povo inglês. Posteriormente, houve a necessidade de criar entidades que conduzissem as disputas, e então surgiram federações e os clubes, gerando daí movimentos esportivos (SIGOLI & ROSE JR., 2004).

Nesse contexto, inspirado em Thomas Arnold, o francês Pièrre de Coubertin, observando as dificuldades para a preservação da paz mundial, achou que o esporte seria uma ferramenta contra os conflitos internacionais. Com isso, fundou um comitê destinado a promover sua causa (SIGOLI & ROSE JR., 2004). Contudo, foi criado o Comitê Olímpico Internacional (COI), em que o grego Bikelas foi nomeado Presidente e Pièrre Coubertin Secretário-Geral da organização. Atualmente, o COI tem 102 membros (VASCONCELLOS, 2008).

Segundo Goellner (2005a), o esporte moderno deve ser tratado como um “espaço de ambiguidade”, pois a partir dos jogos olímpicos, há registros de nacionalismo exacerbados, exploração comercial e econômica, corrupção, *doping*, violência e discriminação sexual, assim como também de solidariedade, consagração, celebração, convivência, fraternidade e inclusão. O uso do esporte como ferramenta foi e ainda é usado por muitos países para propagar o nacionalismo.

Os eventos esportivos podem ser organizados por federações ou ligas. E os interesses econômicos dos eventos esportivos são ligados a mídia, como por exemplo, jogos e eventos são transmitidos pelos principais meios de comunicação, televisão, internet e outros, contribuindo para a identidade nacional. (SILVA, 2003) Com isso, o esporte ganhou novo significado, talvez por ser um fenômeno que teve a maior influência global, tornando parte da vida das pessoas e integrando na estrutura social. Contribuindo na restauração e fortalecendo a identidade nacional,

com sua ascendência nos meios de comunicação, assumindo um papel de extrema relevância na economia internacional (CAON, 2021).

3. FUTEBOL FEMININO NA AMÉRICA DO SUL

As mulheres começaram a praticar futebol na América do Sul no início do século XX e desde o começo encararam gozações, proibições e exclusão. A partir daí, as mulheres passaram a ocupar uma parcela maior do território que era considerado masculino. Em várias regiões da América do Sul o acesso à prática de esportes foi prejudicada para meninas e mulheres, uma vez que em países como o Brasil e Paraguai, o futebol para elas foi proibido por lei, e no Chile e na Argentina, o futebol não era visto como um esporte para mulheres. (BONFIM, 2022; ELSEY, 2019).

Conforme relatado por Gomes (2018), o futebol feminino historicamente se manteve em posição de desigualdade. Muito disso pode ser explicado pelo status patriarcal e machista da sociedade, que se reflete também no futebol. A desigualdade no futebol é efeito de um processo histórico de interdições e proibições impostas às mulheres (GOELLNER, 2005b).

No entanto, para viabilizar o futebol para a mídia, foi preciso valorizar os atributos estéticos dos atletas. A questão de predominar a estética da mulher no futebol sobrevinha as belas jogadas e de todo o futebol desenvolvido por elas. Espera-se que as jogadoras demonstrem traços ditos “femininos” para serem aceitas no mundo do esporte, seguindo padrões de beleza e que não adotem uma aparência masculinizada (KNIJNIK, 2006; RODRIGUES, 2015).

Segundo relato de Viana (2012), que se juntou a outras jogadoras para participar de um campeonato, acreditando que poderia impulsionar a carreira, ter um salários e viver a partir do futebol, ela e mais algumas colegas resolveram fazer parte do processo de seleção, pois o campeonato estava sendo bastante divulgado pela mídia, com o objetivo de mudar o cenário do futebol feminino. No entanto, o objetivo não era promover o futebol feminino, e sim, demonstrar que as mulheres que o jogavam eram bonitas, femininas e símbolos sexuais. Já no caso do futebol masculino, a competência dos jogadores é essencial para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Ao contrário do futebol masculino, isso não é suficiente no futebol feminino (RODRIGUES, 2015).

Não há dúvidas de que essa espetacularização não se localiza apenas nos espaços onde acontece a prática esportiva. O apelo na beleza das jogadoras e a sua erotização tem a argumentação de que, se elas forem atraentes, atraíam público para que assim seja ampliado os recursos, e sobretudo, patrocinadores, o qual é dita pela mídia como um dos grandes problemas do futebol feminino. Portanto, é dessa forma que é tratado o futebol feminino, não as respeitam, as criticam e poucos aplaudem os seus talentos individuais ou em grupos (GOELLNER, 2005b).

A partir da década de 90, se percebe uma crescente de mulheres que praticam futebol em clubes e em área de lazer, porém os campeonatos regionais são poucos e também não um número considerável de mulheres nas comissões técnicas, nem no nível administrativo das instituições que regem o futebol feminino. Todavia, as competições de nível nacional começaram a aumentar, mas a nível continental, as competições ainda se limitavam aos confrontos das seleções, e que eventualmente passaram a ter competições regulares, como a Copa América, a Copa do Mundo e as Olimpíadas (GOELLNER, 2005; RODRIGUES, 2015).

Porém, há competição a nível continental, que se chama Libertadores, a maior competição de clubes do continente. Em 13 edições do campeonato, o Brasil ganhou 10 vezes. Com três títulos cada, o São José e o Corinthians são os dois melhores times. Chile, Colômbia e Paraguai tem um título. Recentemente, os times colombianos tiveram um bom momento e conquistaram dois vice-campeonatos. Porém, não passaram pelos times brasileiros Corinthians e Ferroviária. O atual campeão da Libertadores foi o Palmeiras, conquistando um título inédito, onde foi sua primeira participação no torneio e dando retomada no futebol feminino do Palmeiras, o qual teve início em 2019 (SCHWARTSMAN, 2022).

Desde então, há um avanço significativo em relação às competições femininas, que se via limitada no que se diz respeito à prática de futebol, e assim as atletas ganham abertura para a prática e animação pelos campeonatos femininos que estão em evolução na região (RODRIGUES, 2015; BONFIM, 2022).

Como apontado, as instituições futebolísticas locais não apresentam um histórico de apoio ao progresso das atletas em nenhum nível de sua organização, apenas quando a FIFA, que é a organização que dá suporte para o futebol no mundo, decidiu apoiar. Sendo a instituição mais conhecida, a FIFA tem como

principal objetivo organizar suas próprias competições internacionais e desenvolver o futebol em todo o mundo (FIFA, 2009).

Após ser oficialmente reconhecido pela FIFA, o futebol feminino foi criando assim normas para sua organização, passando a estimular o futebol. Em 1991, ocorreu a primeira Copa do Mundo realizada pela FIFA, o qual é disputada a cada quatro anos e na sua primeira edição, apenas o Brasil, entre os países sul-americanos, participou. Apenas na quarta edição do Mundial, em 2003, a então estreante Argentina participou. Logo em seguida, em 2011, a Colômbia estreou. Em 2015, foi a vez do Equador, já o Chile estreou na oitava edição do Mundial, em 2019 (SARDINHA, 2011).

No que toca à América do Sul, a FIFA reconhece que é a CONMEBOL que dirige o futebol no continente, conforme identificado no Art. 22 de seu Estatuto (FIFA, 2009). No qual, a tem o objetivo de dirigir, organizar e ordenar todas as questões relacionadas ao futebol na América do Sul, e assim também promover o futebol feminino no continente. (CONMEBOL, 2020) A Copa América, também conhecida como Campeonato Sul-americano de Futebol Feminino, é o principal torneio entre as seleções de futebol dos países da América do Sul, e é realizada pela CONMEBOL. Das nove edições, o Brasil tem larga vantagem contra as adversárias na Copa América Feminina. Desde quando a competição foi criada, em 1991, são oito títulos brasileiros. Com isso, o Brasil foi classificado para os Jogos Olímpicos e para a Copa do Mundo FIFA (NETO, 2022; BONFIM, 2022).

A CONMEBOL também aprovou mudanças, em 2016, para promover a igualdade de gênero. Os clubes de futebol masculino que desejam uma licença da confederação para jogar na Copa Sul-Americana ou na Copa Libertadores devem formar uma equipe feminina ou se unir a outros clubes ativos em torneios oficiais (ALMEIDA, 2019).

A vista disso, as instituições futebolísticas não apoiaram o progresso das atletas. Somente após a FIFA decidir que o futebol feminino era um mercado inexplorado. Entretanto, com o resultado do Mundial Feminino de 2015, rapidamente as federações retornaram a deixar de lado as suas seleções femininas. Nesse contexto, em que o futebol feminino se apresentou mostrou que as jogadoras buscaram entender como está o contexto do futebol feminino no mundo. Com isso, em 2016, houve movimentos por parte delas e os países que mais provocaram agitação foram a Argentina, Brasil e Chile, pois são países em que há uma maior

desigualdade entre as equipes masculinas e femininas, tanto em relação aos resultados quanto nos recursos. No mesmo ano, a maioria das seleções femininas da América do Sul, regulamentadas pela CONMEBOL, estava fora dos rankings da FIFA, entre elas Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai, pois suas federações não organizaram partidas, não responderam aos convites e nem convocaram suas seleções por mais de um ano (ELSEY,2019).

O mapa 1, exposto a seguir, mostra alguns clubes com times femininos na América do Sul, e que também tiveram participação na Libertadores.

Mapa 1- Times femininos sul-americanos participantes da Libertadores



Fonte: Google Maps. Elaborado por Revista Série Z (2022).

Talvez não exista outro lugar onde o futebol feminino provoque ao mesmo tempo tanta hostilidade e tanta paixão como o Brasil. Nesse contexto, sendo um dos países mais radicais contra o futebol feminino, no qual chegou a proibir as mulheres de praticarem o esporte por 40 anos. A capacidade de disputar contra as melhores

equipes do mundo, apesar de contar com apenas uma parte dos recursos, é algo que pode causar perplexidade. Porém, elas também lutam contra outros desafios como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a qual é notória pela corrupção. Isso os tornou incapazes de manter uma liga nacional, e as jogadoras não recebem um salário aceitável no Brasil (ELSEY, 2019).

Com base na Seleção Brasileira e no cenário do futebol mundial, podemos constatar que, embora sua história não seja muito longa, já conquistou algumas vitórias. Segundo registros da CBF, em 2007 existia apenas um torneio profissional feminino, a Copa do Brasil Feminina, que acontece anualmente. Com relação às federações estaduais são 26 registradas na CBF, entretanto apenas 16 delas, apresentam suas referências ao futebol feminino, como campeonatos e notícias acerca deste (SARDINHA, 2011).

Em 2013, foi criado o Campeonato Feminino, conhecido como Brasileirão. O crescimento da popularidade do campeonato fez com que a CBF também exigisse que os clubes masculinos tenham também uma equipe e uma de base feminina. O torneio conta com a participação das 16 equipes do Brasil, e garante vaga para a Libertadores, que é liderada pelo Corinthians, que recentemente lotou seu estádio, Neo Química Arena, onde recebeu 41.070 torcedores, e gerou a maior renda do futebol feminino, cerca de 900.981,00 reais. Além dos campeonatos nacionais, também existem torneios estaduais que são menos conhecidos, mas são regidos por suas próprias federações, como o Amapá, Alagoas, Amazonas, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins são os estados com campeonatos femininos (MANCERA, FOWKS & TORRADO, 2021).

Uma das referências de atleta no mundo, que ganhou seis vezes o troféu de melhor do mundo, Marta Vieira da Silva que é a maior artilheira da história das Copas do Mundo Feminina e camisa 10 da Seleção Brasileira, lutou e ainda luta pela igualdade no esporte. A atleta está sem patrocínio desde julho de 2018 quando seu contrato com a Puma acabou, e se recusou a renovar pelo valor oferecido, pois considerou abaixo do que merece. Como forma de se manifestar a respeito, na Copa da França de 2019, a jogadora aderiu à campanha “*Go Equal*”, que defende a igualdade de gênero e de salários no esporte entre homens e mulheres. A partir disso, ela só joga com a chuteira preta, somente com o símbolo de equidade no esporte. E nas fotos oficiais da Seleção Brasileira para as Olimpíadas de Tóquio, ela

escondeu com o cabelo o símbolo da Nike, que é a fornecedora esportiva da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ela se tornou embaixadora, desde 2018, da Boa Vontade da ONU Mulheres, onde luta para apoiar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres pelo mundo (BONACINA, 2021).

Recentemente, o Guaraná Antarctica promoveu a iniciativa *#BotaElasNoJogo*, com o objetivo de levar a presença do futebol feminino, seus rostos e nomes verdadeiros para os jogos virtuais, as jogadoras da seleção brasileira tiveram seus nomes trocados nas redes sociais e nas camisetas, assim como acontece nos jogos de videogame, para conscientizar sobre a representação da mulher no futebol e reforçar a importância de trazer jogadoras reais para o jogo. A falta de representatividade nesse universo contribui para a falta de visibilidade da modalidade (CONTADO, 2022).

Em se tratando da Colômbia, o futebol feminino vive fase de ascensão no país, mas ainda atravessa dificuldades, principalmente, em relação à estrutura, sendo um liga com duas temporadas, porém não há datas de início e término estabelecidas para as competições. As jogadoras colombianas vêm conquistando importantes títulos, mas muitas ainda optam por atuar em clubes fora do país. E as que ficam reivindicam melhores salários, melhor ambiente de trabalho e uma gestão mais regular dos campeonatos internos (ESPORTIVIDADE, 2022). Desde 2010, a Colômbia tem conseguido alcançar as principais competições de futebol feminino, onde já foram duas participações em Copas do Mundo e três das últimas quatro finais da Copa América. Tem o seu próprio torneio principal torneio feminino que é o Campeonato Colombiano de Futebol Feminino, teve início em 2017 (MALEK, 2022). A federação filiada à FIFA no país, em 1936, é a Federação da Colômbia de Futebol (FCF), fundada em 1924 e administra a Seleção Colombiana de Futebol Feminino e Masculino (MUSEU DO FUTEBOL).

Na Argentina, apesar do futebol estar sendo praticado desde 5 de outubro de 1913, o principal campeonato do país só foi definido em 1991, no ano em que ocorreu a primeira Copa do Mundo Feminina. Onde a Associação de Futebol da Argentina (AFA), é a federação filiada à FIFA (MANCERA, FOWKS & TORRADO, 2021). Nesse contexto, as atletas não treinaram e nem tiveram treinador para a temporada de 2015-2016 e também ficaram sem jogar por meses. Além disso, a AFA não pagou os salários pelos poucos treinos em que as jogadoras foram convocadas. Com isso, elas encaminharam uma carta à AFA, a qual explicava que

não compareceriam aos treinos e nem às partidas até que lhes fosse concedida um mínimo de recursos, incluindo remunerações, treinador, campos de grama, vestiários e horários de viagem que não fossem cruéis (ELSEY, 2019).

O preconceito e os obstáculos para o futebol feminino se fizeram tão presentes, que só em 2019 a AFA reconheceu a modalidade como profissional e possibilitou alguns direitos e benefícios as atletas, dos quais impõe os clubes a assinarem contratos com pelo menos oito jogadoras de um grupo de trinta. Fornecendo um repasse mensal da AFA no valor de 120 mil pesos mensais. Os principais clubes são o Boca Juniors, o River Plate e o UAI Urquiza. As jogadoras mais bem pagas do país jogam pelo Boca Juniors, onde recebem cerca de 200 dólares por mês durante a temporada. Essa média salarial torna difícil que alguma mulher argentina possa viver da prática profissional de futebol, com isso muitas delas buscam outro emprego (MENDONÇA, 2022).

A profissionalização se deu após um movimento de mulheres futebolistas que teve início com as reivindicações da jogadora Macarena Sánchez que foi dispensada pelo clube UAI Urquiza, no meio da temporada argentina, ela não recebeu qualquer indenização e foi impedida de assinar com outro clube. Com isso, lutou por seus direitos e processou o clube e a AFA, pois queria ser reconhecida como profissional, e assim sua luta ganhou a imprensa que aumentou a luta pelos direitos das jogadoras na Argentina (BAGATINI, 2019).

No que diz respeito à política institucional, as jogadoras argentinas estabelecem relações com políticos que apoiam a igualdade de gênero dentro do esporte. Por exemplo, a deputada Mayra Mendoza que propôs uma lei que garante que as competições nacionais sejam transmitidas pela televisão. Mesmo com o pouco que é dado, as mulheres realizam muito no campo e fora dele. A equipe Estudantes de La Plata comemorou alegremente em torno de um barril de água vazio quando a AFA esqueceu de enviar o troféu da Copa de Prata (ELSEY, 2019; MANCERA, FOWKS & TORRADO, 2021).

No Chile, as jogadoras se encontram na mesma situação de descaso. Elas se uniram para fundar um sindicato para lutar por seus direitos como atletas, a Associação Nacional das Jogadoras de Futebol Feminino (ANJUFF), um sindicato que tem como objetivo lutar pelos direitos das mulheres viverem do futebol com dignidade, e que se associou a recém-formada Corporação de Fomento ao Futebol Feminino (CONFFUF), um grupo que estava comprometido em apoiar a seleção

nacional e que conseguiu convencer a Federação de Futebol Chilena (FFC), a apoiar a equipe na Copa América, o que ajudou a equipe a se classificar para a Copa do Mundo Feminina, em 2019, marcando na história a primeira vez que a seleção chilena feminina participou (MANCERA, FOWKS & TORRADO, 2021; ELSEY, 2019).

Com relação ao campeonato, o Colo Colo foi o clube que não teve receio de apoiar o futebol feminino e isso significa vencer o campeonato 13 vezes. A ANJUFF está atualmente negociando contratos profissionais com clubes chilenos, cuja liga feminina tem sido uma prática amadora (MANCERA, FOWKS & TORRADO, 2021; ELSEY, 2019).

No caso do Peru, o quadro da liga feminina continua carente de muitas perspectivas favoráveis. Muitos atletas reclamam das condições precárias dos campos onde são disputados os jogos, da falta de compensação e do desinteresse em transmitir os jogos. Apesar de ser categorizada como amadora, a Copa do Peru avança a Libertadores, uma das competições mais importante do continente. A primeira vez que a seleção feminina de futebol disputou a maior competição das Américas, os Jogos Pan-Americano em 2019, com 22 mil espectadores assistindo à partida de estreia do Peru contra a Argentina no Estádio San Marcos, em Lima. As jogadoras ficaram emocionadas, pois foi um reconhecimento para elas que pareciam invisíveis para o país. No entanto, no retorno do campeonato nacional, o silêncio voltou a preencher as arquibancadas nos jogos femininos, no qual ocorreram duas partidas em que os clubes chegaram a anunciar a venda de ingressos ao público, mas, em cima da hora, não permitiram a entrada sem dar qualquer explicação, um duelo entre o Alianza Lima e o San Martín. Depois desse episódio, aconteceu de novo, a torcida ficou de fora. Sendo tratadas com indiferença pela Federação Peruana de Futebol (FPF), a qual é ligada à FIFA, e seus respectivos clubes (ESPORTIVIDADE, 2022; NUNES, 2020).

Posto isso, a jogadora Steffani Torres comemorou o gol nesta partida com um gesto com os braços em posição horizontal, que simbolizam igualdade, a qual Marta fez quando se tornou a maior artilheira da Copa do Mundo. Consequentemente, o gesto motivou uma marcha pelo futebol feminino que foi realizada pelas jogadoras em colaboração com os torcedores e o grupo que acompanha a seleção masculina do Peru. Além da falta de incentivo para a presença de torcida nas partidas, nenhum jogo era transmitido por televisão ou plataforma online e reivindicavam melhores

condições nos campos em que jogam. Posto isso, a final do Campeonato Nacional foi aberta ao público e foi realizada no Estádio Nacional do Peru, e contou com 9.903 pessoas na arquibancada para acompanhar o Universitário ser campeão sobre o Alianza Lima, após vencer por 2 x 1. Após esses episódios, o futebol feminino começou a ganhar mais visibilidade. Os clubes passaram a ter páginas nas redes sociais dedicadas às seleções femininas, e os jogos também passaram a ser transmitidos em plataformas digitais e de rádio. Porém, o salário com o salário de 400 pesos ainda não dá para viver de futebol (NUNES, 2020).

Sendo quase impossível saber quanto apoio a FIFA dá diretamente ao futebol feminino devido à ausência de prestação de contas da FIFA, CONMEBOL e das federações nacionais. Onde cerca de 15% dos fundos para o desenvolvimento da FIFA são supostamente destinados para as mulheres. Isso significa dizer que cada federação deveria investir pelo menos US \$37.500 por ano no futebol feminino. No entanto, não existe um relatório contábil que exija que a federação divulgue como gasta esse dinheiro, e também a CONMEBOL não possui um sistema que garanta que os recursos cheguem ao futebol feminino nas suas respectivas federações. Em 2018, a FIFA revelou uma nova estrutura de desenvolvimento chamada *FIFA Forward*, que reuniu recursos para o desenvolvimento de jovens e mulheres. Porém, não foi acordado o valor que será obrigatório que as federações repassem para as atletas (ELSEY, 2019).

Portanto, para que o futebol feminino venha de fato sofrer mais mudanças e aumento da prática, pois a importância dessa modalidade significa para as meninas e mulheres uma maneira de empoderar-se e de iniciar uma nova visão sobre o futebol. E assim, lutar para que o reconhecimento do futebol feminino seja uma atividade como as outras tantas, incentivando a sua prática e a introdução para as meninas e não disseminando preconceitos que prejudiquem a evolução de tal (RODRIGUES, 2015).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, constatou-se que nas últimas décadas o esporte vem se tornando uma parte de interesse nas relações internacionais como ferramenta para os governos. Isso acontece porque o esporte em geral é considerado um excelente transmissor para promover os valores nacionais e aumentar o prestígio internacional. O futebol, por sua vez, já não pode ser limitado

às relações puramente diplomáticas entre os Estados, mas também como uma questão social, política, cultural, econômica e diplomática. É um esporte que ganha cada vez mais destaque na agenda da política internacional por meio de incentivos para sediar e competir em torneios como a Copa do Mundo, e também por meio de iniciativas dos governos nacionais e internacionais para a promoção do esporte e assim ganhar reconhecimento em escala mundial.

O texto inicialmente procurou mostrar como as relações internacionais dialoga com o esporte, e explica como deu origem do esporte, através dos Jogos Gregos que são um marco na história do esporte por representar a concepção inicial, e mostra também como iniciou a participação das mulheres na antiguidade, que não podiam participar, por questões sociais e físicas. Logo em seguida é contado como surgiu o esporte moderno que foi propagado pelo francês Pièrre de Coubertin, que fundou o Comitê Olímpico Internacional, onde o esporte ganhou um novo significado, talvez por ser um fenômeno que tem a maior influência global, tornando parte da vida das pessoas e integrando na estrutura social.

Na segunda parte foi apresentado a situação do futebol nos países sul-americano, e como é complexa a história das mulheres, tanto no esporte como em outras questões. As mulheres foram proibidas por 40 anos de praticar futebol e quando finalmente saíram da ilegalidade foram alvo de preconceito e discriminação por jogar futebol, que é efeito desse processo histórico de proibições impostas a elas. Contudo, a pesquisa serve para mostrar que o futebol feminino ainda está muito distante do masculino, em relação a salário e reconhecimento, como é mostrado na pesquisa, pelas notícias, pela mídia. Como exemplo, a Copa do Mundo masculina tem um peso diferente para a mídia em relação a Copa do Mundo Feminina.

É observado como as instituições e as organizações não apoiaram o desenvolvimento das atletas e nem do futebol em nível organizacional. E que muitas delas não vivem apenas do futebol, mas procuram lutar todos os dias por seus direitos e pelo reconhecimento que merecem. Ainda seguimos acreditando em um mundo onde as mulheres têm mesmo o mesmo respeito que os homens, onde seja vista pelo seu trabalho e pela sua competência, e não pelo seu sexo, como acontece no futebol, tendo como exemplo a jogadora Marta que é melhor jogadora do mundo

(título conquistado seis vezes),² mas não é valorizada e tem seu salário menor do que qualquer jogador só pelo fato de ser mulher.

Portanto, é observado o quanto este preconceito e essa desvalorização discrimina a mulher, a ponto de o futebol feminino, ainda não estar evoluindo como deveria.

Todavia, nos últimos anos, as atletas têm reivindicado igualdades de direitos, de acesso e de salários nas organizações nacionais dos diferentes países da América do Sul. A percepção patriarcal, que dita que apenas o homem pode praticar futebol, vem diminuindo. Atualmente, esses tipos de preconceitos não são majoritariamente aceitos, à medida que as atitudes das pessoas que consomem mudaram. Não afirma-se aqui que o futebol feminino se encontre em condições ditas excelentes de aceitação, mas algumas censuras foram quebradas e paradigmas associados às mulheres foram reeditados.

No continente em questão, o Brasil é considerado uma potência do futebol feminino na América do Sul, apesar de toda restrição para a prática. Porém, equipes como Colômbia e Argentina vêm buscando apoiar mais o futebol feminino que está se desenvolvendo na região. A CONMEBOL, responsável por regulamentar, apoiar e subsidiar o futebol feminino no continente, está trabalhando para promover seu desenvolvimento. Como a campanha “Futebol é futebol” que visa contribuir com a transformação e o posicionamento do futebol feminino proporcionando oportunidades de como melhorar as condições para meninas e mulheres, dentro e fora dos gramados.

Por último, em conclusão, as considerações feitas ao longo dos capítulos, exploram o tema e demonstram que a discussão tanto em seu âmbito mais vasto como o esporte e às relações internacionais, quanto no caso mais específico como o futebol feminino na América do Sul, que continua em aberto para que sejam feitas discussões em torno da temática, bem como usufruir deste trabalho para uma futura pesquisa acerca do tema, o qual é não é muito explorado.

² Marta recebeu o título de melhor jogadora do mundo pela FIFA nos seguintes anos: 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2018.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **Revista FuLiA**, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; *et al.* Mudando cabeças, corpos e campos: a experiência do guerreiras project no empoderamento de mulheres por meio do futebol. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto (org.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2019, p. 18-49.

ARNAUD, Pierre; RIORDAN, Jim (Ed.). **Sport and international politics : Impact of Facism and Communism on Sport**. Routledge, 2003.

BAGATINI, Olga. **A Argentina “profissionalizou” o futebol feminino. O que isso significa?**. Yahoo Esportes. 2019. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/argentina-profissionalizou-o-futebol-feminino-o-que-isso-significa-090000388.html>>. Acesso em: 15 Nov. 2022

BBC NEWS. **Copa do Mundo 2022: quando é e por que o Catar será sede**. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-61824818>>. Acesso em 19 Nov. 2022

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte, MG: Casa da Educação Física/ Ed UNICAMP, 2013.

BENNETT, Roger; VIETOR, Tommy. **Opinião: Vamos chamar a Copa do Mundo no Qatar como realmente é**. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/opiniaao-vamos-chamar-a-copa-do-mundo-do-catar-pelo-que-realmente-e/>>. Acesso em: 19 nov. 2022

BONACINA, Pietra. **Marta: A rainha do futebol e uma luta que está longe de terminar**. Rainhas do drible. 29 de Julho de 2021. Disponível em: <<https://rainhasdodrible.com/2021/07/29/marta-a-rainha-do-futebol-e-uma-luta-que-e-esta-longe-de-terminar/>>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

BONFIM, Aira F. **Histórias da Copa América Feminina**. Luque: Conmebol, 2022.

BRAUNER, Vera Lúcia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Revista Movimento**, v. 21, n. 2, p. 521-532, abr./jun. 2015.

CADAVID, Luz Elena Gallo; CASTRO, Luis Alberto Pareja. A propósito de la salud en el fútbol femenino: inequidad de género y subjetivación. **Educación física y deporte**, v. 21, n. 2, p. 15-25, 2001.

CAON, Isabelle Fernandes. **O futebol como instrumento político: um estudo comparativo entre as ditaduras militares da Argentina, do Brasil e do Uruguai**. 2021. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais)- Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021,

CASTILHO, César Teixeira; MARCHI JR., Wanderley. Esporte, geopolítica e relações internacionais. **Revista FuLiA**, v. 5, n. 1, p. 240-257, jan.-abr., 2020.

CHIÉS, P. V. Eis quem surge no estádio: é Atalante! A história das mulheres nos jogos gregos. *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 99-121, setembro/dezembro de 2006.

CODY, Nathan W. **The Berlin Olympics: Sport, Anti-Semitism, and Propaganda in Nazi Germany**. Student Publications, Gettysburg College, 2016.

CONMEBOL. **Estatuto de la Confederación Sudamericana de Fútbol**. 2020. Disponível em: <conmebol.com/wp-content/uploads/2015/01/Estatutos-Conmebol-2020-por.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

CONTADO, Valéria. **Além dos campos, Guaraná Antarctica incentiva o futebol feminino nos games**. Meio&Mensagem, 11 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2022/08/11/alem-dos-campos-guarana-antarctica-incentiva-futebol-feminino-nos-games.html>>. Acesso em: 15 Nov. 2022.

DRUMOND, Maurício. Muito além de Neymar: o Catar e o investimento no Paris Saint-Germain como forma de projeção internacional. **Ludopédio**, São Paulo, v. 104, n. 28, 2018.

ELSEY, Brenda. Energizadas pelo movimento de mulheres #NiUnaMenos, as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **Revista FuLiA**, v. 4, n. 1, p. 39-50, jan.-abr., 2019.

ESPORTIVIDADE. **Cenário atual do futebol feminino nos países da América do Sul**. 2022. Disponível em: <<https://esportividade.com.br/cenario-atual-do-futebol-feminino-nos-paises-da-america-do-sul/>>. Acesso em: 10 Nov. 2022.

FIFA. **Estatuto de La FIFA: Reglamento de aplicación de los estatutos**, 2022. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/7812bd8394004ea1/original/FIFA_Statutes_2022-ES.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2022.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. #martamelhorqueneymar: Uma proposta de análise sobre o uso de uma hashtag como indício de silenciamento da mídia tradicional. In:

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto (org.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2019, p. 73-92.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GARRETT JR., William E.; KIRKENDALL, Donald T. **A ciência do exercício e dos esportes**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em movimento**, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2005b, p.143-51.

GOMES, Eduardo de Souza. O futebol feminino no Brasil e na América do Sul: um breve olhar. **Ludopédio**, São Paulo, v. 106, n. 7, 2018.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto; VELOSO, Ana Maria. Gênero, mídia e futebol: a cobertura midiática genderificada no Brasil. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto (org.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Editora Xeroca!, 2019, p. 50-72.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. Londres: Routledge, 2004.

MANCERA, Diego; FOWKS, Jacqueline; TORRADO, Santiago. **A América Latina mantém acesa a chama do futebol feminino, apesar da pandemia**. El País. 11 mar. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2021-03-12/america-latina-mantem-acesa-a-chama-do-futebol-feminino-apesar-da-pandemia.html>>. Acesso em: 13 Set. 2022.

MENDONÇA, Elaine Trevisan. **O Feminismo no Futebol de Mulheres no Brasil e Argentina**. 9º Conferência Latino Americana e Caribeña de Ciências Sociais. 2022. UNAM. Disponível em: <https://conferenciaclacso.org/programa/resumen_ponencia.php?&ponencia=Conf-1-6197-69443&>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

NUNES, Maíra. **A revolução do futebol feminino no Peru que começou com uma comemoração**. Correio Braziliense. 2021. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/revolucao-futebol-feminino-peru-steff/>>. Acesso em: 14 Nov. 2022.

PINHEIRO, Beatriz. **Parceria entre Puma e Palmeiras reacende debate sobre patrocínio no esporte feminino.** Trivela. 2021. Disponível em: trivela.com.br/papo-de-mina/parceria-entre-puma-e-palmeiras-reacende-debate-sobre-patrocinio-no-esporte-feminino/. Acesso em: 25 de julho de 2022.

RODRIGUES, Rayza Rocha. **Futebol Feminino: Apontamentos sobre o Preconceito.** 2015. Monografia (Licenciatura em Educação Física)- Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes, 2015.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadores a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

SARDINHA, Esperança Machado. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2011.

SCHWARTSMAN, Maria Fernanda. **Todos os campeões da Copa Libertadores feminina.** Goal. 2022. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quais-times-ja-foram-campeoes-da-libertadores-feminina/1bboe66z0i72l1vrhsi5qdpowk>. Acesso em: 16 Nov. 2022.

SIGOLI, Mário André; ROSE JR., Dante de. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-119, 2004.

SILVA, Otávio Guimarães Tavares da. **Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador.** 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto Internacional**, v. 34, n. 2, p. 397-433, 2012.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Teoria geral do esporte.** São Paulo, IBRASA, 1987.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais.** 3. ed. Brasília: FUNAG, 2011.